O ESCRITOR

Ele tem o destino em suas mãos

Fábio da Silva

Copyright © 2011 by Fábio da Silva

TÍTULO ORIGINAL
O Escritor

EDITOR
Clube de Autores / Agbook

DIAGRAMAÇÃO
Fábio da Silva

CAPISTA
Fábio da Silva

GÊNERO
Romance / Literatura Brasileira

EDIÇÃO
2ª

Todos os direitos reservados à

Fábio da Silva
http://blogdofabiodasilva.blogspot.com/
silver_mota@yahoo.com.br
silver_mota@hotmail.com

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra à minha família: meu pai Ayrton, minha mãe Adelvair e meu irmão Wagner que, sempre presentes em minha vida, depositaram em mim toda a confiança. Sem esquecer meu sobrinho e afilhado, o pequeno Pedro, que acabou de nascer para alegrar os nossos corações.

AGRADECIMENTO

Também quero agradecer a Deus por tudo o que tenho até o presente momento e, ainda, por ter me concedido o dom da escrita e a força de vontade.

SUMÁRIO

I – SEGUNDA-FEIRA.....7

II – TERÇA-FEIRA.....9

III – QUINTA-FEIRA.....19

IV – SEXTA-FEIRA.....21

V – SEGUNDA-FEIRA.....34

VI – TERÇA-FEIRA.....40

VII – QUARTA-FEIRA.....49

VIII – QUINTA-FEIRA.....56

IX – SEXTA-FEIRA.....63

X – SÁBADO.....73

XI – DOMINGO.....78

XII – SEGUNDA-FEIRA.....85

XIII – TERÇA-FEIRA.....105

XIV – DOMINGO.....132

I - SEGUNDA-FEIRA

Na escuridão da noite, uma moça de branco, com longos cabelos claros e pele alva, corria desesperadamente, chorando, por uma rua deserta. Entrou num beco sem saída; ali, forçou as maçanetas das portas, sem sucesso. Enquanto experimentava a última, olhava para a entrada e via, surgindo da penumbra, um homem de preto. Como estava escuro, só era possível identificar sua silhueta: alto e magro. Ele entrou.

Apavorada, a jovem colou as costas na parede, ao final do beco. Calmamente, o Homem de Preto caminhou em direção à Moça de Branco, que estava encurralada. Então, ela implorou:

- Por favor, não me machuque! Não me machuque!

Lentamente, abaixou-se, chorando. O perseguidor aproximou-se e, com o punhal na mão, serenamente, disse:

- Não se preocupe, criança. Vamos brincar.

De repente, o silêncio da noite foi interrompido por um grito de mulher que ecoou, rasgando a escuridão. O grito foi-se e, com ele, a noite. E, naquele momento, era o som de um pássaro cantando que regia o alvorecer de um novo dia na Avenida Rio

Branco e adjacências, na cidade do Rio de Janeiro de 1929, então capital da República.

A citada via, inaugurada em 15 de novembro de 1905, inicialmente com o nome de Central, foi a primeira avenida construída no Rio de Janeiro. Com quase dois quilômetros de extensão, mais de 30 metros de largura, calçadas de sete metros (confeccionadas em pedra portuguesa), possuía, entre as duas pistas, um refúgio para pedestres. E fora construída à moda dos *boulevards* parisienses. Era arborizada, iluminada, pavimentada, cheia de canteirinhos e candelabros.

As fachadas das suas edificações apresentam colunas, frisos, figuras alegóricas, guirlandas e outros detalhes que lhes conferem grande beleza arquitetônica. Começava na Prainha (atualmente Praça Mauá) e terminava na Praia de Santa Luzia (onde hoje está o Obelisco). Dividia-se em três partes; a primeira foi ocupada por empresas ligadas ao comércio de exportação e importação, em virtude da sua proximidade com a Zona Portuária. A segunda parte encerrava o comércio, como por exemplo: os bancos, os jornais, os magazines, as confeitarias e as lojas de roupas. A última, onde se encontra a Praça Floriano (região que ficaria popularmente conhecida por Cinelândia), é

composta por inúmeros edifícios no entorno da referida praça, tais como: a Escola Nacional de Belas-Artes (atual Museu Nacional de Belas-Artes), a Biblioteca Nacional, o Palácio Monroe (já demolido), o edifício Wolfgang Amadeus Mozart (vulgo Amarelinho), a Câmara Municipal do Rio de Janeiro (Palácio Pedro Ernesto) e o Teatro Municipal. Com a morte do Barão do Rio Branco, em 10 de fevereiro de 1912, passou a chamar-se Avenida Rio Branco, em sua homenagem. Essa via é o principal palco dos acontecimentos dos dias seguintes...

II - TERÇA-FEIRA

Na sala da casa, notava-se que a mobília era simples. Num canto, havia uma pequena estante repleta de livros. Na cozinha, existiam louças por lavar.

Lá fora, alguém batia à porta. Carlos de Assis era um jovem homem branco, de 26 anos de idade, alto e magro, com cabelos castanho-escuros. Levantou-se da cama preguiçosamente, saiu do quarto e foi atender à porta da sala, arrastando-se. Abriu-a para o seu amigo Waldir Medeiros. Este era um jovem homem moreno claro, também de 26 anos de idade e de mesmo tipo físico que o seu.

- É você, Waldir?! Ainda é cedo.

- Já passou da hora, meu amigo.

Carlos olhou para o relógio de ponteiros na parede da sala: 07h30min.

- Perdi a hora de novo. – disse Carlos.

Então, deixou o amigo e seguiu para o banheiro; de lá, ouvia-se o som de água caindo da torneira. A seguir, foi para o quarto e trocou de roupa. Na sala, Waldir, calmamente, tirou o chapéu, sentou-se numa cadeira próxima à mesa e perguntou:

- Como anda o livro?

- Está indo. – respondeu ele, do quarto.

Em cima da mesa, o amigo viu uma garrafa de vinho pela metade, um copo sujo, algumas anotações, folhas em branco, uma caneta-tinteiro e alguns jornais.

- Afogar-se na bebida não é a solução, Carlos.

No quarto, ele terminava de abotoar a camisa e nada respondeu. Da sala, Waldir continuou:

- Esqueça-se dela, meu amigo.

- Que Deus me perdoe, Waldir, mas eu preferia vê-la morta!

Tinham uma relação de amizade muito forte, que começara já na infância. Possuíam muitas afinidades. Mas existia uma diferença marcante entre os dois. Carlos não era um jovem dos mais entusiastas. Ainda criança, perdera os pais e o irmão mais velho num terrível acidente e, para completar sua tragédia, foi traído por

Antônia, sua ex-noiva. Quanto a Waldir, este era, psicologicamente, o antônimo do amigo. Dir-se-ia que era o entusiasmo em pessoa. Sempre alegre e sorridente, encarava a vida com muito bom humor.

Finalmente, Carlos entrou na sala.

- Cuidado com o que deseja, meu amigo, pois pode conseguir.- advertiu Waldir.

- Não é um pouco cedo pra sermões?!

Waldir sorriu. Carlos retribuiu, colocou o chapéu e disse:

- Estou pronto!

E o amigo completou animado:

- É assim que se fala! Nada como um dia após o outro. Vamos curar essa ressaca!

Waldir e Carlos saíram. E este fechou a porta atrás de si. Eles cumprimentaram Dona Catarina, uma senhora simpática já de certa idade que varria a calçada do outro lado da rua, cuja principal atividade era tomar conta da vizinhança e, para tal, adotava a estratégia de ficar horas e horas varrendo a frente de sua casa. Os amigos caminharam por uma típica rua do Rio de Janeiro, de onde era possível ver o Aqueduto da Carioca, ou, se preferir, os Arcos da Lapa, por onde passam os bondes. A seguir, após a passagem de uma carroça e de um automóvel, atravessaram a rua e compraram um exemplar do “Jornal do Brasil”.

Os dois prosseguiram a caminhada. Cumprimentaram duas belas jovens que viram no sentido oposto. Então, seguiram pela

Avenida Rio Branco; o movimento de automóveis e pedestres já era intenso àquela hora. Lá, entraram na Padaria Aurora e tomaram um cafezinho, enquanto conversavam. Carlos olhou para o relógio de pulso.

- Estamos atrasados.

Ambos deixaram a padaria e caminharam, aceleradamente, pela avenida, rumo à Biblioteca Nacional. Lá chegando, Carlos e Waldir subiram, apressados, a escadaria externa da biblioteca e alcançaram o saguão de entrada; foram recebidos pelo senhor Gumercindo Rabelo, um alto funcionário da biblioteca e pai de Maria Clara. Tratava-se de um homem forte, de cabelos grisalhos, com idade permeando os 50 anos. Ele disse exaltado, com o dedo em riste:

- Isso são horas, vocês dois?!

- Desculpe, senhor Gumercindo. Não vai acontecer de novo. – respondeu Carlos.

- Desculpe, chefe. – disse Waldir.

- Chefe?! Por acaso eu tenho cara de índio, ô Waldir?! – e colocando as mãos na cintura - Já é a segunda vez esta semana; fiquem sabendo vocês dois! – fez outra observação - E olha que a semana só está começando! A sorte é que vocês trabalham bem e são bons rapazes – por fim, ordenou – Agora, vocês dois, mãos à obra!

Antes de partirem, Gumercindo tomou o jornal das mãos de Waldir, concluindo:

- Agora, podem ir!

Sem guardar uma distância segura, o amigo sussurrou para Carlos:

- A sorte é que a filha dele gosta de você.

- Eu ouvi isso! – completou Gumercindo.

Então, os amigos seguiram correndo para a escadaria interna. Subiram o primeiro lance, alcançando o patamar em que estava o busto em mármore de D. João VI. Depois, pegaram o lance da esquerda e, a seguir, o último lance, chegando ao terceiro andar.

O escritório era uma típica repartição pública carioca do final da década de 20. Lá, Carlos e Waldir, cada qual em sua mesa, em lados opostos da sala, realizavam suas tarefas. Gumercindo, em sua mesa, ao fundo, de costas para a janela, lia, em voz alta, o exemplar do "Jornal do Brasil" que tomara de Waldir:

- "Mais uma mulher é morta nas proximidades da Avenida Rio Branco. Segundo relatos do Delegado Ernesto Paranhos, a jovem de 22 anos, encontrada em um beco sem saída, foi morta com uma estocada no abdômen. Já é a segunda morte em duas semanas." – a seguir, comentou - Que mundo é este?!

- Num beco sem saída?! Mas a que horas foi isso?! – perguntou Carlos.

O chefe respondeu:

- Diz aqui que, possivelmente, entre 22 e zero hora de ontem.